

Comportamento Semanal de Mercado

31 de maio a 7 de junho



Condições monetárias mais apertadas

Com uma alta na margem de 0,8% e de 2,5% no comparativo interanual, o PIB no 1T24 surpreendeu positivamente. Além de superar as expectativas, o resultado deixou um carregamento estatístico de 1,0% para 2024 e a formação bruta de capital fixo cresceu 4,1% no período. Com isso, houve uma recuperação importante no volume de investimento em relação ao PIB, avançando de 16,1% no 4T23 para 16,9%. A mediana das projeções para o crescimento em 2024 no Boletim Focus cresceu de 2,05% para 2,09%. Entretanto, a calamidade no Rio Grande do Sul (RS) e o aperto das condições monetárias podem ter impacto relevante nos números do 2T24.

A despeito do comportamento benigno da inflação corrente, as expectativas no Boletim Focus continuaram se deteriorando, com a projeção do IPCA de 2025 elevando-se de 3,77% para 3,78%. Porém, o boletim ainda precifica mais um corte de -0,25 p.p. na reunião da próxima semana. A depreciação cambial, motivada pela elevação dos prêmios de risco, os ruídos na comunicação do Banco Central (BC) e os questionamentos acerca da evolução das contas fiscais ajudariam a explicar essa dissonância.

Apesar dos dados do *payroll* bem acima dos aguardados, houve na semana uma queda nos retornos das *T-Notes*, com o aumento das apostas de apenas mais um corte na *Fed Funds*. Porém, sentindo também o impacto nas cotações das *commodities*, o real depreciou-se em 1,88% no período, com o dólar encerrando a semana cotado a R\$ 5,34.

Mesmo com o alívio internacional, a curva das taxas futuras de juros registrou elevação nos prêmios de risco, com o movimento mais proeminente nos vértices intermediários. Com a reprecificação de uma trajetória mais conservadora da política monetária, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 7,09%, com uma forte alta de 0,41 p.p. na semana e adentrando-se ainda mais em campo contracionista.

Para esta semana, as atenções recaem nas divulgações de variáveis importantes para o balanço de riscos para inflação, como o IPCA de maio, o volume serviços e varejo e o IBC-Br em abril. No que se refere aos EUA e Zona do Euro, contribuirão no monitoramento da evolução da política monetária internacional.

Expectativas

A despeito do comportamento benigno da inflação corrente, as expectativas no Boletim Focus de 07/06 continuaram se deteriorando, afastando-se ainda mais da meta inflacionária de 3,00% no horizonte relevante para a política monetária. Ajudaria a explicar essa dissonância a depreciação cambial motivada pela elevação dos prêmios de risco, como desdobramento das frustrações de mercado com o início do ciclo de afrouxamento monetário nos EUA, os ruídos na comunicação do BC e questionamentos acerca da trajetória fiscal no país.

Contemplando eventuais impactos da calamidade no RS, a mediana das projeções do IPCA para maio aumentou de 0,39% para 0,40%, a de junho de 0,20% para 0,21%, ao passo que a de julho manteve-se em 0,12%. Assim, o indicador para 2024 passou de 3,88% para 3,90% (3,76% há 4 semanas). A mediana das expectativas para o IPCA para 2025 saiu de 3,77% para 3,78% (3,66% há 4 semanas). Para 2026, a mediana das previsões permaneceu em 3,60% (3,50% há 4 semanas) e para 2027 em 3,50% (3,50% há 4 semanas).

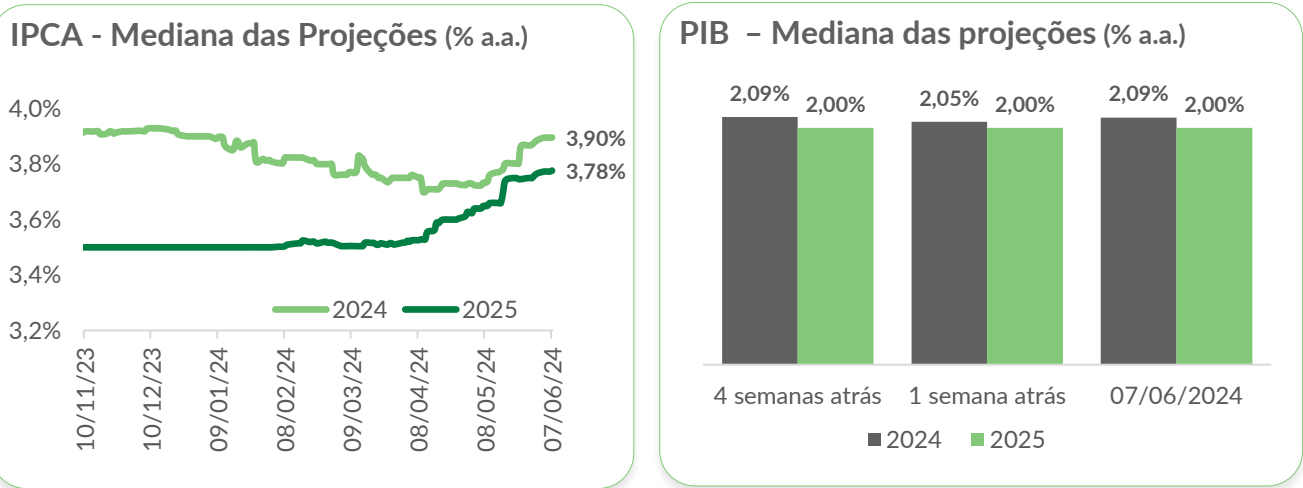
Apesar dos ajustes nas projeções de inflação e do desempenho do mercado futuro de juros, o Boletim Focus ainda precifica um corte de -0,25 p.p. na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) da próxima semana, com a Meta Selic fechando o ano em 10,25% a.a. em 2024 (9,75% a.a. há 4 semanas). Para 2025, a projeção subiu de 9,18% a.a. para 9,25% a.a. (9,00% a.a. há 4 semanas), enquanto para 2026 continuou em 9,00% (9,00% há 4 semanas) e para 2027 em 9,00% a.a. (8,63% a.a. há 4 semanas).

Com a surpresa positiva do Produto Interno Bruto (PIB) no 1T24 e a performance dos indicadores de alta frequência, a mediana das projeções para o crescimento da economia em 2024 cresceu de 2,05% para 2,09% (2,09% há 4 semanas). Por sua vez, as estimativas para 2025, 2026 e 2027 permaneceram acomodadas em 2,00%.

No cenário para o câmbio, apesar do aumento das incertezas e da volatilidade no mercado à vista, a projeção para 2024 não se alterou, com a taxa de câmbio finalizando em R\$/US\$ 5,05. Com depreciação de -0,8% do real, a estimativa para 2025 ficou em R\$/US\$ 5,09. A projeção para 2026 seguiu em R\$/US\$ 5,10. Já para 2027, houve depreciação de -0,20% para R\$/US\$ 5,11.

A despeito das preocupações com o cenário fiscal, os números pouco se alteraram, mantendo-se, entretanto, acima das metas. Em relação ao PIB, o déficit primário para 2024 permaneceu em -0,70% (-0,64% há 4 semanas), para 2025 variou de -0,60% para -0,67% (-0,60% do PIB há 4 semanas), enquanto para 2026 continuou em -0,50% (-0,50% há 4 semanas). Para 2027, a mediana das expectativas passou de -0,30% do PIB para -0,50% (-0,20% há 4 semanas).

Também como ponto de preocupação, a projeção da dívida líquida do setor público para 2024 reduziu-se de 63,70% do PIB para 63,65% (63,90% há 4 semanas). Conservando-se na margem em 66,50% (66,50% há 4 semanas) para 2025, em 68,30% (68,00% há 4 semanas) para 2026 e em 70,88% para 2027(69,90% há 4 semanas).



Economia internacional

A divulgação do *payroll* reavivou as preocupações com os possíveis impactos na trajetória da inflação. O indicador mostrou a criação líquida de 272 mil postos de trabalho em maio, resultado significativamente acima do consenso de 185 mil apontado pela London Stock Exchange Group (LSEG). Ademais, o ganho médio por hora trabalhada subiu 0,4% no mês, acumulando uma alta de 4,1% a.a. em maio. Por sua vez, a taxa de desemprego avançou de 3,9% para 4,0% e a taxa de participação recuou de 62,7% em abr/24 para 62,5%. A maior geração de empregos foi observada nos setores: cuidados de saúde; governo; lazer e hospitalidade; e serviços profissionais, científicos e técnicos.

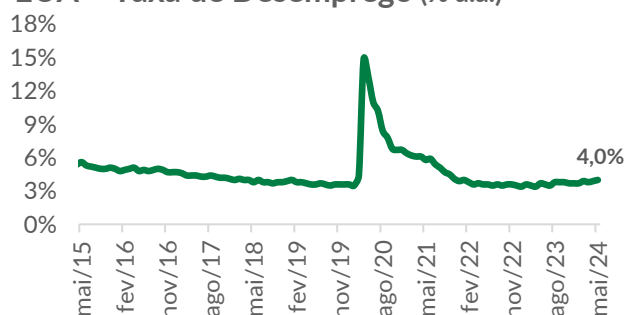
Com defasagem e consistente com uma desaceleração gradual nas contratações, o relatório *Jolts* do Departamento do Trabalho mostrou uma redução do número revisado de mar/24 de 8,488 milhões para 8,355 milhões, para 8,059 milhões em abril, ficando abaixo da expectativa de 8,360 milhões de vagas dos analistas consultados pela FactSet. A proporção de vagas disponíveis por desempregado diminuiu para 1,2, um patamar ainda elevado e que mantém uma pressão sobre salários. Em consonância, o relatório da ADP mostrou que a criação de vagas no setor privado desacelerou de 188 mil em abr/24 para 152 mil. Ainda, na semana finda em 01/06, os pedidos por seguro-desemprego aumentaram para 229 mil, superando as 220 mil solicitações esperadas. Mostrando uma atividade ainda robusta, o índice de gerentes de compras (PMI) composto dos EUA, medido pela S&P Global, avançou de 51,3 em abr/24 para 54,5, alcançando o maior nível desde abr/22. Na segregação, o setor de serviços mostrou forte expansão e indústria exibiu contração.

Na Zona do Euro, o avanço no setor de serviços mais do que compensou a queda na indústria, fazendo com que o PMI composto atingisse o maior nível desde mai/23. O índice medido pela S&P Global subiu de 51,7 em abr/24 para 52,2. Embora o resultado tenha ficado um pouco abaixo da preliminar de 52,3, manteve-se acima da marca de 50 que separa crescimento de contração pelo 3º mês seguido. A melhora na demanda geral elevou o otimismo. O índice composto de produção futura era de 63,1 em maio, o valor mais alto desde fev/22, ao mesmo tempo em que as pressões gerais dos preços diminuíram, com os preços de produção crescendo no ritmo mais lento em 6 meses.

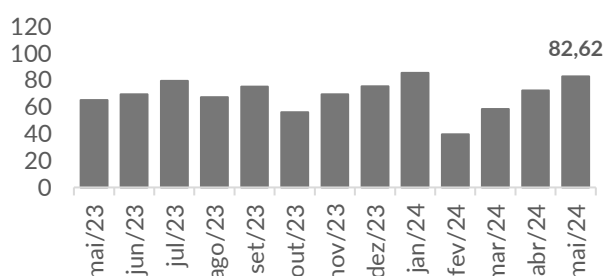
O cenário trouxe um certo alívio ao Banco Central Europeu (BCE), que após 5 anos iniciou o processo de flexibilização monetária. Assim, a taxa de depósitos caiu -0,25 p.p. para 3,75% a.a., a de refinanciamento para 4,25% a.a. e a de empréstimos para 4,50%. Ainda, o BCE informou que, ao longo do 2º semestre, irá reduzir na média em € 7,5 bilhões por mês, o portfólio de ativos atrelados ao programa de compras emergenciais da pandemia. Em entrevista, a presidente do BCE pontuou que há uma maior confiança de que a inflação esteja convergindo à meta, contudo, a política monetária deverá se manter restritiva pelo tempo que for necessário. Ademais, a equipe técnica do BCE revisou para cima as projeções de inflação ao consumidor. A taxa esperada para 2024 passou de 2,3% a.a. em mar/24 para 2,5%, e a para 2025, de 2,0% para 2,2%, ao passo que para 2026 seguiu em 1,9%. Ainda na região, a revisão final confirmou o crescimento de 0,3% do PIB no 1T24 ante o 4T23. Já as vendas no varejo recuaram -0,5% na margem em abril.

Na China, o saldo da balança comercial manteve-se robusto, somando US\$ 82,62 bilhões em maio. As exportações cresceram 7,6% ante mai/23, enquanto as importações aumentaram 1,8%. Já o PMI composto subiu de 52,8 em abr/24 para 54,1, mantendo-se em território de expansão.

EUA – Taxa de Desemprego (% a.a.)



China – Saldo da Balança Comercial US\$ bilhões



Fonte: US Bureau of Labor | Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

A semana iniciou-se com uma série de indicadores positivos para posicionamentos em ativos de maior risco, como a decisão da Opep+ de manter os cortes na oferta de petróleo, mas concordando em reduzir gradualmente a partir do 2º semestre, e a redução em -0,25 p.p. na taxa básica de juros pelo BCE. Contribuíram, ainda, os relatórios Jolts e ADP dando indícios de moderação no mercado de trabalho, o que favoreceria as apostas na antecipação da flexibilização monetária.

Contudo, a divulgação na sexta-feira de dados do *payroll* de maio mais fortes do que o esperado reverteu a tendência, provocando um forte aumento na aversão ao risco no final da semana. Como consequência, os mercados reduziram as projeções de cortes nas taxas básicas de juros. Para o BCE, a maioria das apostas saiu de 3 para 2 cortes de -0,25 p.p. em 2024. Em 07/06, a ferramenta *FedWatch* do CME Group apontava 40,1% de probabilidade de somente um corte -0,25 p.p. na Fed Funds em 2024, com 47,4% de chance de que essa redução ocorra na reunião de novembro.

Apesar disso, o retorno das *T-Notes* encerrou com redução de -0,02 p.p. para 4,87% a.a. no prazo de 2 anos, de -0,06 p.p. para 4,46% a.a. no de 5, de -0,08 p.p. para 4,43% a.a. no de 10 e de -0,10 p.p. para 4,55% a.a. no de 30 anos.

Nas principais bolsas internacionais, houve na semana uma alta de 2,38% na Nasdaq, de 1,32% no S&P 500, de 0,29% no Dow Jones, de 0,51% no Nikkei 225 e de 0,32% no DAX 40. As exceções ficaram para as quedas de -1,15% em Xangai e de -0,36% no FTSE 100.

Também com reduções, a cotação do minério de ferro na bolsa de Qingdao recuou -3,84%, o preço da saca de soja negociada em Chicago caiu -2,14% e a cotação do barril de petróleo tipo Brent ficou em US\$ 79,62, o que representou uma queda de -2,45% na semana. A expectativa do mercado é que o preço retorne próximo ao patamar dos US\$ 85,00 com o aumento da demanda sazonal com o verão no hemisfério norte.

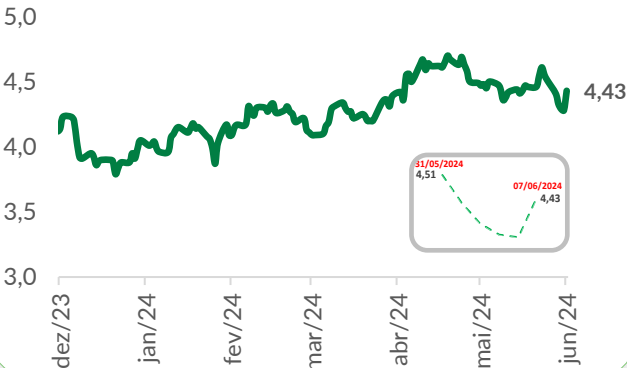
A deterioração dos prêmios de riscos dos ativos domésticos acompanhou também a evolução desfavorável na cotação das *commodities* no mercado internacional. Assim, o Ibovespa recuou -1,09% na semana, voltando ao patamar dos 120 mil pts.. Por fim, o risco soberano brasileiro aumentou 3,77 bps. para 146,59 bps., o que representou uma elevação de 14,16 bps. no acumulado do ano.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	07/06/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	120.767	-1,09%	-6,53%	4,57%
Nasdaq	17.133	2,38%	4,90%	29,42%
S&P	5.347	1,32%	3,07%	24,52%
Dow Jones	38.799	0,29%	-0,22%	14,68%
FTSE 100	8.245	-0,36%	-0,82%	8,50%
DAX 40	18.557	0,32%	0,69%	16,06%
Nikkei 225	38.684	0,51%	-0,39%	22,26%
Xangai	3.051	-1,15%	-3,06%	-5,05%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Câmbio

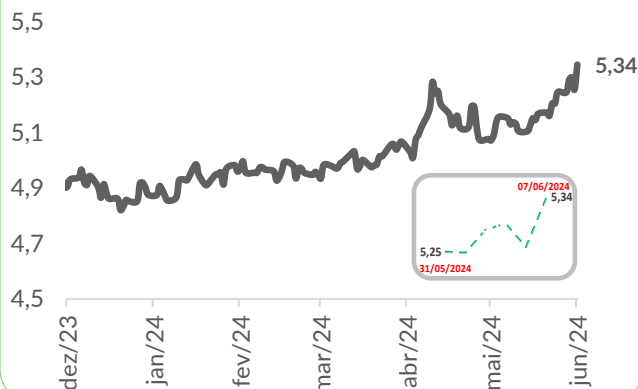
Apesar da queda nos retornos das *T-Notes*, o aumento das apostas de apenas mais um corte na Fed Funds este ano favoreceu a cotação do dólar no mercado de câmbio. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa dos EUA frente às de países desenvolvidos, subiu 0,20% no período, refletindo as depreciações de 0,44% no euro, com o início do afrouxamento monetário no BCE, e de 0,18% na libra esterlina.

Em maior intensidade, sentindo também o impacto nas cotações das *commodities*, o índice que calcula o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -1,16% na semana. O destaque ficou com o peso mexicano que se depreciou em 8,14% no período que seguiu a eleição presidencial. A taxa de câmbio do peso colombiano em relação ao dólar se depreciou em 1,67% e as do rand sul-africano e do peso argentino, respectivamente, em 0,59% e 0,41%.

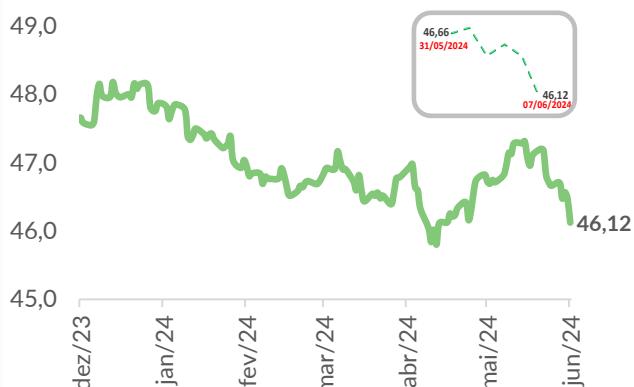
Com um pior desempenho do que o índice de emergentes, o real depreciou-se em 1,88% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,34, o maior patamar desde 05/01/23 (R\$ 5,35). Apesar da forte perda de valor, o BC não vê motivos para intervir no mercado cambial, mantendo sua atuação na semana somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/08/2024.

Por fim, entre os dias 27 e 31/05, o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 1,53 bilhão, decorrente da entrada líquida de US\$ 3,04 bilhões na conta comercial e da saída líquida de US\$ -1,51 bilhão na financeira. Em maio, houve a saída líquida de US\$ -438 milhões, decorrente de um déficit de US\$ -6,53 bilhões na conta financeira e de um superávit de US\$ 6,10 bilhões na comercial.

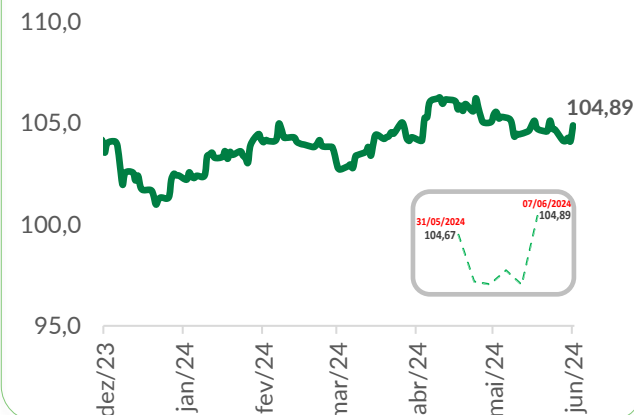
Real/US\$



Índice de Emergentes*



Dollar Index



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

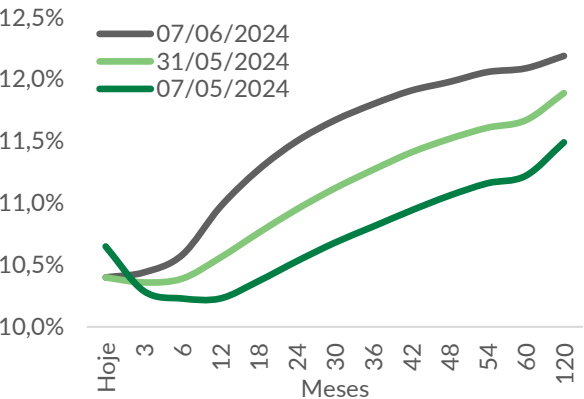
Mesmo com o alívio nos retornos dos *treasuries*, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) registrou elevação nos prêmios de risco. O movimento foi mais proeminente nos vértices intermediários, com a reprecificação da trajetória de uma política monetária mais conservadora.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses saiu de 10,39% a.a. para 10,58%, a de 1 ano subiu de 10,56% a.a. para 10,97% a.a., a de 2 de 10,95% a.a. para 11,50% a.a., a de 3 de 11,27% a.a. para 11,80% a.a., a de 4 de 11,52% a.a. para 11,98% a.a., a de 5 de 11,67% a.a. para 12,09% a.a. e a de 10 anos saiu de 11,89% a.a. para 12,19% a.a..

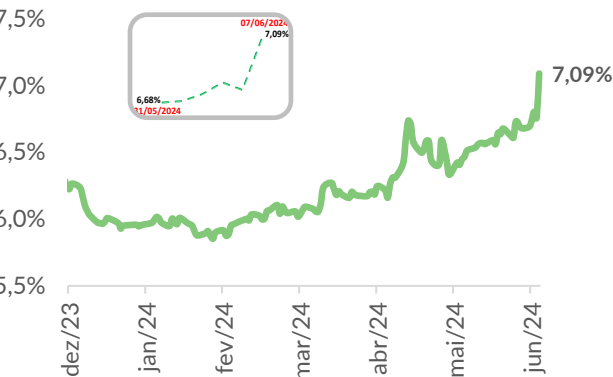
Com a redução de -0,01 p.p. para 3,63% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 7,09%, o que significou uma forte alta de 0,41 p.p. na semana, adentrando-se ainda mais em campo contracionista.

Por fim, com o aumento menor nas taxas de longo prazo, ocorreu uma redução da inclinação da curva de juros. Assim, o *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, caiu -0,11 p.p. na semana para 1,22 p.p., porém segue em patamar historicamente elevado. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, recuou -0,15 p.p. para 1,29 p.p., também em patamar historicamente elevado.

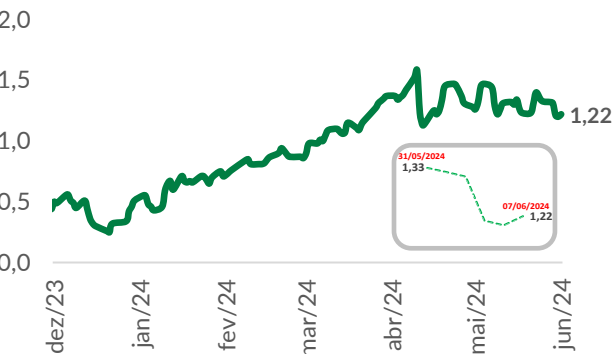
Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IGP-DI - Mai/24

Após uma alta de 0,72% em abr/24, o IGP-DI de maio registrou uma inflação de 0,87%, superando a estimativa de 0,68% apurada por coleta do Valor Data. Acumulando uma alta de 0,61% no ano, o indicador anualizado passou de uma deflação de -2,32% em abr/24 para uma alta de 0,88% (-5,49% a.a. em mai/23).

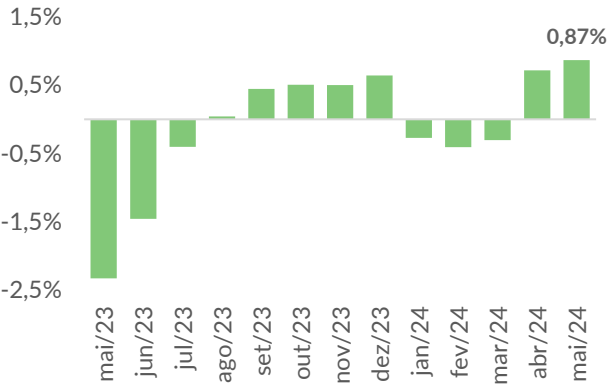
Com o aumento dos preços de alimentos processados variando de 0,62% em abr/24 para 1,92% em maio, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) apresentou uma alta de 0,97% no mês, ante 0,84% em abr/24. Outros destaques foram as acelerações: dos produtos da cesta básica como arroz de -2,59% para 3,40%; café de -0,01% para 1,36%; e carne bovina de 0,80% para 2,40%. Na análise por estágios de processamento, Bens Finais variou de -0,04% para 0,73%, Bens Intermediários de 0,62% para 0,88%, enquanto Matérias-Primas Brutas desacelerou de 2,06% para 1,33%.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) apresentou aceleração em maio, passando de 0,42% para 0,53%. 2 das 8 classes de despesa componentes do índice registraram acréscimo em suas taxas: Educação, Leitura e Recreação de -1,24% para 0,87%; e Despesas Diversas de 0,13% para 0,21%. As principais contribuições para este movimento foram: passagem aérea de -8,07% para 5,52%; e cigarros de 0,06% para 1,46%. Em sentido inverso: Alimentação passou de 0,90% para 0,72%; Saúde e Cuidados Pessoais de 0,87% para 0,67%; Vestuário de 0,02% para -0,54%; Transportes de 0,52% para 0,49%; Comunicação de 0,57% para 0,46%; e Habitação de 0,42% para 0,41%.

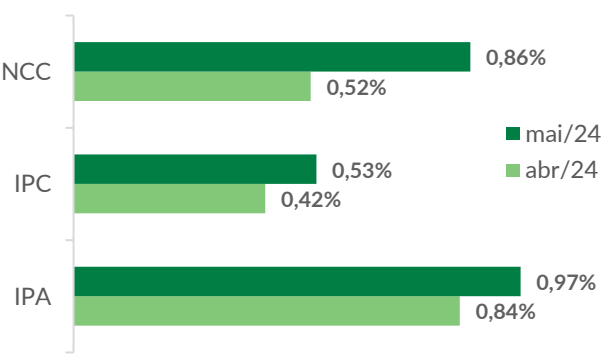
O Índice Nacional do Custo da Construção (INCC) também subiu no mês, saindo de 0,52% para 0,86%. Os seus 3 grupos componentes registraram acréscimo em maio: Materiais e Equipamentos de 0,32% para 0,37%; Serviços de 0,30% para 0,54%; e Mão de Obra de 0,81% para 1,55%.

Por fim, na comparação anual por abertura, o IPA encerrou com queda de -0,22% a.a., ante -4,51% a.a. no mês anterior, o IPC com alta de 3,30% a.a. (+2,84% em abr/24) e o INCC em 4,02% a.a. (3,74% em abr/24).

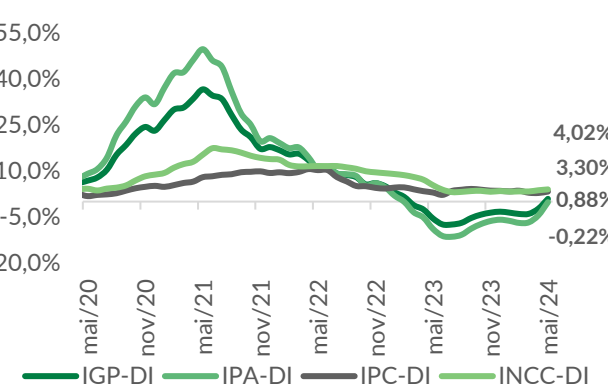
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

PIB – 1T24

Após manter-se estagnado no 2º semestre de 2023, o PIB cresceu 0,8% no 1T24, na série dessazonalizada. A variação superou a mediana da projeção de uma 0,7% apresentada pelo Valor Data. Adicionalmente, o número do 4T23 foi revisado de estabilidade para uma queda de -0,1%.

No comparativo interanual, a economia apontou expansão de 2,5%, ante uma projeção de 2,2%. No acumulado em 4 trimestres, o crescimento foi de 2,5% no 1T24, ante 2,9% no 4T23 e 3,7% no 1T23.

No trimestre, os destaques ficaram para o consumo das famílias e o investimento, pelo lado da demanda, enquanto os setores de serviços e agropecuária sobressaíram-se na oferta.

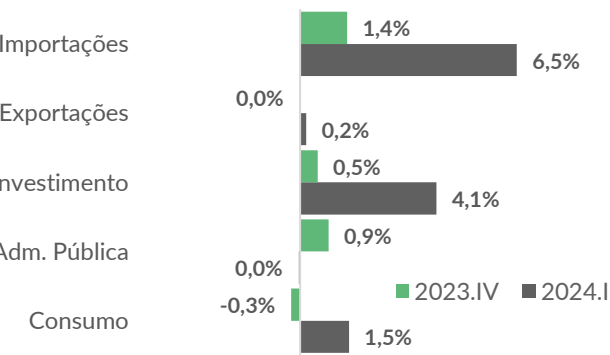
Com as condições favoráveis no mercado de trabalho, o aumento da renda, os estímulos fiscais com o reajuste real do salário mínimo e o pagamento de precatórios, a queda nas taxas de juros, a inflação mais controlada e pela melhora no mercado de crédito, o consumo das famílias cresceu 1,5% (-0,3% no 4T23).

Alavancados pelo aumento na importação de bens de capital, no desenvolvimento de *software* e na construção, os investimentos mostraram uma recuperação importante, com a formação bruta de capital fixo crescendo 4,1% no período (+0,5% no 4T23). Com isso, o volume de investimento em relação ao PIB avançou de 16,1% no 4T23 para 16,9% (17,1% em 1T23). Já as despesas de consumo da administração pública ficaram estáveis (+0,9% no 4T23). Do lado externo, a contribuição foi negativa, as exportações cresceram apenas 0,2% no 1T24 (estabilidade no 4T23), enquanto em maior intensidade, as importações expandiram-se 6,5% (+1,4% no 4T23). Impulsionada pelo consumo das famílias e pelos investimentos, a absorção doméstica aumentou 1,6% no 1T24 ante o 4T23.

Na decomposição da oferta no 1T24, o principal vetor de crescimento foi o setor de serviços, com alta de 1,4% (+0,5% no 4T23), graças às contribuições do comércio (3,0%), de informação e comunicação (2,1%) e de outras atividades de serviços (1,6%). A agropecuária cresceu 11,3% no 1T24 (-7,4% no 4T23), mas apesar da queda em relação à safra do ano passado (-3,0%), a produção foi robusta o suficiente para representar alta no ajuste sazonal. Já a indústria teve ligeira queda de -0,1% (+1,2% no 4T23).

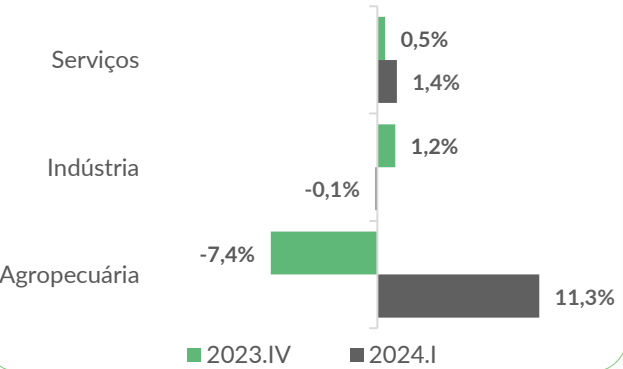
O resultado do PIB do 1T24 foi positivo. Além de superar as expectativas, deixou um carregamento estatístico de 1,0% para o ano e apresentou avanço importante nos investimentos. Entretanto, a calamidade no RS deve ter impacto relevante nos números do 2T24.

Ótica da Demanda
Var. trimestral – série dessazonalizada



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Ótica da Oferta
Var. trimestral – série dessazonalizada



Produção Industrial – Abr/24

Superando a expectativa de uma queda de -0,40% do levantamento do Valor Data, a produção física industrial recuou -0,48% em abril, na série com ajuste sazonal. Após avançar 0,90% em mar/24 e 0,12% em fev/24, o setor acumula uma alta de 3,50% em relação a igual período de 2023. Todavia, o setor ainda se situa -0,1% abaixo do patamar pré-pandemia (fev/20).

A despeito do número negativo no mês, a composição não foi tão ruim. A dinâmica novamente refletiu o pior desempenho da indústria extrativa, com recuo de -3,44%, após crescer 0,45% em mar/24, respondendo principalmente ao recuo na produção de minério de ferro e petróleo, e no setor de alimentos. Por sua vez, a indústria de transformação avançou pela 7ª leitura consecutiva, subindo 0,25% em abril.

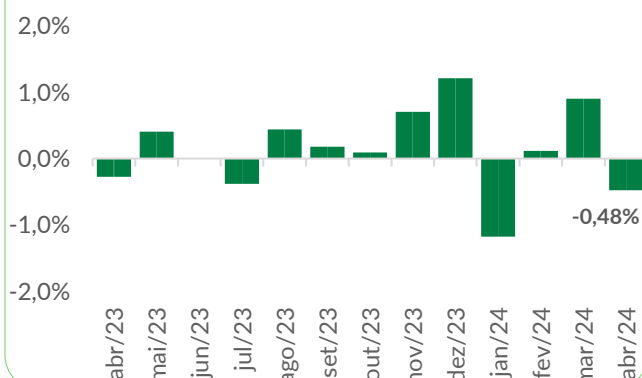
Ainda, há uma predominância de resultados positivos no mês, com 3 das 4 categorias econômicas e 18 dos 25 ramos industriais mostrando expansão na produção. Com retração de -1,25% na margem, os bens intermediários eliminaram o avanço de 1,11% verificado no mês anterior. Por sua vez, houve expansão em bens de consumo duráveis (+5,64%), bens de capital (+3,49%), bens de consumo (+0,19%) e bens de consumo semiduráveis e não duráveis (+0,14%).

Dentre as atividades, além da indústria extrativa, outras contribuições negativas relevantes vieram de produtos alimentícios (-0,6%), de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-0,6%) e de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-2,6%). Em contrapartida, veículos automotores, reboques e carrocerias (13,2%), produtos diversos (25,1%) e produtos farmoquímicos e farmacêuticos (10,8%) se destacaram positivamente.

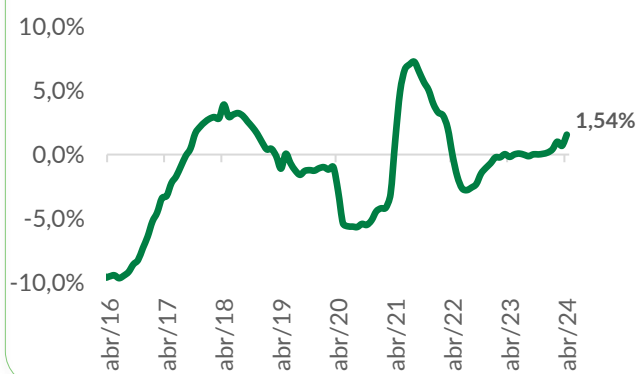
Ainda na série com ajuste, buscando capturar tendência, a média móvel trimestral para o total da indústria se manteve em campo positivo, ao avançar 0,17% em abr/24, após a alta de 0,23% em mar/24 (0,08% em abr/23). Assim, com o resultado do mês, o carregio estatístico para o 2T24 ficou em +0,16% (-3,56% da extrativa mineral e +0,99% da indústria de transformação).

A variação anual da produção acumulada em 12 meses acelerou de 0,68% a.a. em mar/24 para 1,54% a.a. (-0,19% a.a. em abr/23). Em termos prospectivos, a continuidade do processo de flexibilização da política monetária, estabilidade nos índices de inadimplência e melhora no mercado de trabalho, com ganhos na massa salarial, devem beneficiar os setores de bens mais ligados ao crédito.

Variação Mensal



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Veículos – Mai/24

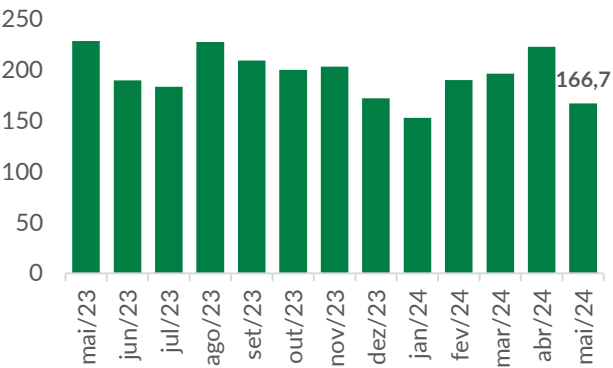
Em maio, segundo dados da Anfavea, foram produzidas 166.733 unidades de autoveículos, levando a uma queda de -26,8% em comparação com o mesmo mês do ano anterior. No acumulado em 12 meses, houve um recuo de -1,3% a.a. em abr/24 para -4,8% a.a.. O resultado do mês foi fortemente impactado pelas enchentes no RS, que obrigaram a paralisação das operações da General Motors por 12 dias.

Deste total, 129.197 unidades foram de automóveis, 23.633 de comerciais leves, 2.731 de ônibus e 11.172 de caminhões. Ainda, foram exportadas 26.760 unidades de autoveículos em maio, representando uma queda de -27,2% na variação do acumulado em 12 meses.

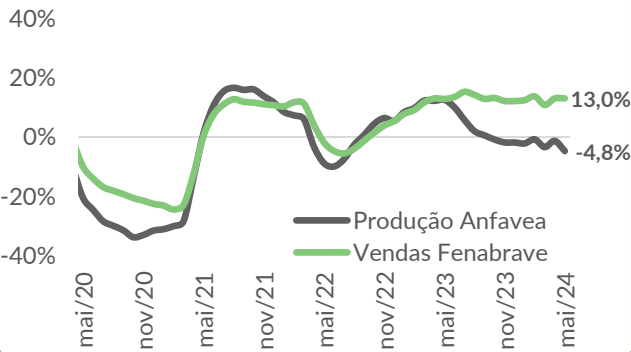
Já do lado das vendas, a Fenabrave reportou que as vendas no mercado interno varejista somaram 365.567 unidades no mês, representando uma alta de 5,8% ante mai/23. Considerando-se o acumulado em 12 meses, a variação manteve-se na margem em 13,0% a.a. (12,8% a.a. em mai/23).

Com relação aos veículos usados, foram vendidos 1.198.316 unidades em maio, o que significou uma queda de -5,2% ante mai/23. No acumulado em 12 meses, houve uma desaceleração no crescimento, de 6,33% a.a. em abr/24 para 5,13% a.a. (-4,34% a.a. em mai/23).

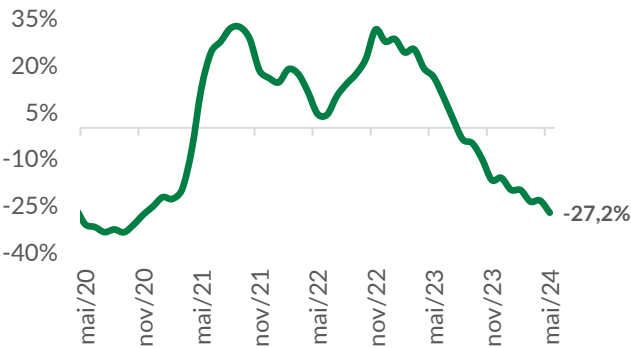
Produção Mensal
Em mil unidades



Variação Anual
Acumulada em 12 meses



Evolução Anual
Exportações acumuladas em 12 meses



Fonte: Anfavea/Fenabrave.. Elaboração ABBC

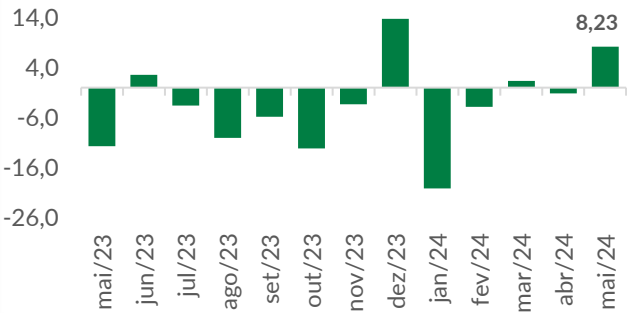
Caderneta de Poupança – Mai/24

Em maio, a caderneta de poupança apresentou um saldo positivo de R\$ 8,23 bilhões, resultado da entrada de R\$ 362,50 bilhões e da saída de R\$ 354,27 bilhões. Este foi o melhor desempenho para o mês de maio desde 2020, quando os depósitos líquidos atingiram R\$ 37,20 bilhões. O rendimento no mês foi de R\$ 5,22 bilhões, elevando o saldo total da poupança para R\$ 993,27 bilhões, um crescimento de 1,37% na margem e de 3,31% em relação a mai/23.

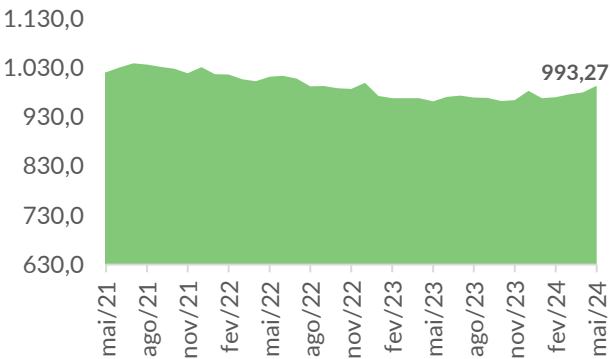
No acumulado de 2024 até maio, a poupança registrou um saque líquido de R\$ 15,55 bilhões, influenciado significativamente pela retirada líquida de R\$ 20,15 bilhões em jan/24. Nos últimos 12 meses, houve uma perda total de R\$ -34,13 bilhões, refletindo a menor rentabilidade da poupança em comparação com outros investimentos e as necessidades financeiras dos cidadãos.

A remuneração da caderneta de poupança em maio foi de 0,59% ao mês (7,28% a.a.), ligeiramente inferior aos 0,60% ao mês (7,48% a.a.) registrados em abr/24. Atualmente, o rendimento é composto pela Taxa Referencial (TR) mais uma taxa fixa mensal de 0,50%.

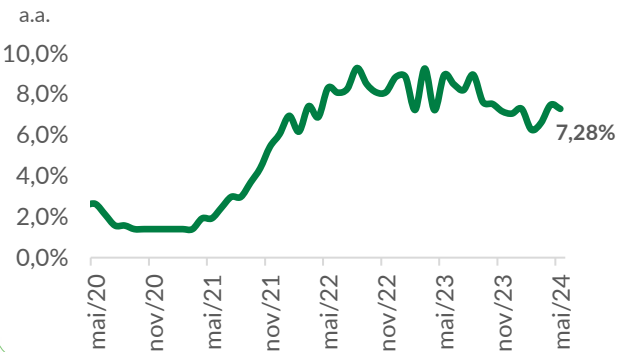
Captação Líquida
(SBPE + Rural – R\$ bilhões)



Saldo da Poupança
(SBPE + Rural – R\$ bilhões)



Rendimento da Poupança
(1º dia do mês – em % a.a.)



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Balança Comercial – Mai/24

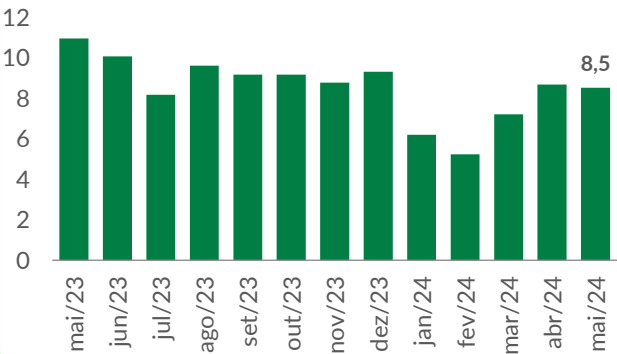
Com queda mensal de -1,8%, a balança comercial apresentou um superávit de US\$ 8,53 bilhões em maio, contra US\$ 8,69 bilhões em abr/24. O resultado decorreu de US\$ 30,34 bilhões em exportações (US\$ 30,58 bilhões em abr/24) e US\$ 21,80 bilhões em importações (US\$ 21,89 bilhões em abr/24). Em relação ao mesmo mês de 2023, quando o saldo da balança comercial apresentou superávit de US\$ 10,98 bilhões, houve recuo -22,3% a.a..

No comparativo interanual, o resultado mensal das exportações decorreu de uma queda de -18,5% em agropecuária, que somou US\$ 7,51 bilhões, puxada principalmente pela retração nas vendas de milho não moído (exceto milho doce), frutas e nozes não oleaginosas. Alcançando o montante de US\$ 14,98 bilhões, a indústria da transformação recuou -9,2% influenciada pelo recuo nas vendas de óleos combustíveis de petróleo, enquanto a indústria extrativa cresceu 13,8%, somando US\$ 7,72 bilhões. Nas importações, na mesma base comparativa, a agropecuária apresentou crescimento de 53,4% (US\$ 0,51 bilhões) e a extrativa mineral de 12,9% (US\$ 1,70 bilhões), ao passo que a indústria de transformação apresentou queda de -1,2% (US\$ 19,46 bilhões).

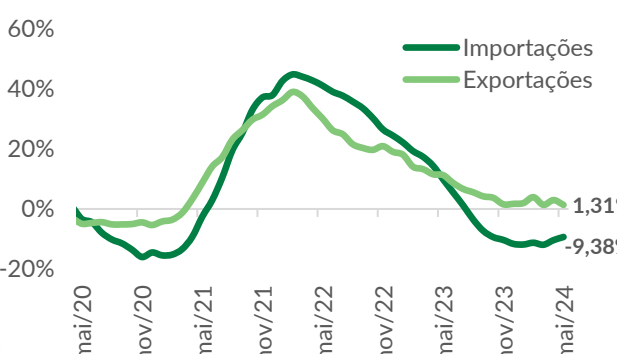
Considerando-se o acumulado em 12 meses, o saldo alcançou US\$ 100,25 bilhões em maio, alta de 41,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Na mesma base comparativa, as exportações somaram US\$ 342,88 bilhões (alta de 1,31% em relação a mai/23) e as importações atingiram US\$ 242,63 bilhões (queda de -9,38% em comparação com mai/23).

Por fim, no que diz respeito aos principais parceiros comerciais, no mês, as exportações para China, Hong Kong e Macau recuaram -7,9% (US\$ 9,83 bilhões), enquanto as importações cresceram 1,5% (US\$ 4,69 bilhões); com os Estados Unidos, as exportações aumentaram 3,2% (US\$ 3,30 bilhões) e as importações 3,1% (US\$ 3,81 bilhões); já as vendas para União Europeia mostraram um avanço de 23,1% (US\$ 4,83 bilhões) e 6,0% em importações (US\$ 4,31 bilhões).

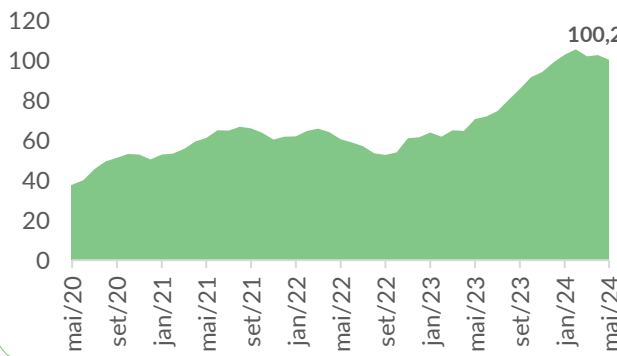
Saldo Mensal
Em US\$ bilhões



Variação Anual
Acumulado em 12 meses



Saldo
Acumulado em 12 meses - em US\$ bilhões



Fonte: MDIC.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,7
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,9
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	10,50
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,5
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,05
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,8
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar - Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel.: (55) 11 3288-1688